

***Self* independente vs. interdependente: Estudo intercultural com estudantes portugueses e romenos**

Laura Ciochină & Luísa Faria (lfaria@fpce.up.pt)

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Resumo: Este estudo representa a etapa inicial de uma investigação mais vasta, propondo-se construir um instrumento que avalie o *self* independente-interdependente (Markus & Kitayama, 1991) nos contextos português e romeno. Apresentam-se os resultados de 32 entrevistas semiestruturadas, realizadas com estudantes do 1º e do 3º anos do ensino superior, 16 portugueses e 16 romenos, rapazes e raparigas, que tiveram como objetivo explorar o significado atribuído pelos estudantes a vários elementos do *self* independente-interdependente, nomeadamente a unicidade vs. conectividade com os outros, a independência vs. dependência/interdependência, os objetivos pessoais vs. objetivos de grupo e a comunicação direta vs. comunicação indirecta. Através de análises de conteúdo observou-se, em ambos os contextos culturais, que: a unicidade é encarada em termos de estilo e valores pessoais; a independência é vista principalmente sob o ponto de vista financeiro; os rapazes concedem maior prioridade aos objetivos de grupo do que as raparigas; e a comunicação direta é considerada mais eficaz do que a indirecta. Quanto à pertença a um determinado grupo, os estudantes portugueses consideram que a sua maior desvantagem é representada pelos eventuais conflitos subjacentes, enquanto os romenos consideram que é representada pela responsabilidade subsequente.

Introdução

O estudo do *self* tem uma longa tradição na área da Psicologia (Baumeister, 1999), mas também na área da Antropologia (Shweder & Sullivan, 1993) e da Sociologia (Rosenberg, 1982). Tais perspetivas sobre o *self* apontam para o facto de este ser parcialmente moldado no contexto das relações com os outros significativos. Além disso, os estudos no domínio têm verificado que, apesar de as dimensões estruturais e dinâmicas do *self* serem consideradas universais (Neisser, 1994), existem igualmente variações interculturais do *self* (Grace & Cramer, 2003; Markus & Kitayama, 1991; Somech, 2000).

No que se refere a estes dois aspetos – a relação entre o *self* e os outros e o facto de o contexto cultural se constituir numa força motriz essencial na modelagem do *self* –, uma das mais influentes teorizações culturais do *self* pertence a Markus e Kitayama (1991) que propuseram duas perspetivas do *self* na sua relação com os outros, nomeadamente o *self independente* vs. o *self interdependente*.

Prosseguindo com a dicotomia teorizada e investigada por Markus e Kitayama (1991), o aspeto central do *self independente* é representado pela crença na unicidade, na autonomia e na independência do indivíduo, bem como na sua separação dos outros. Simultaneamente, nesta perspetiva, o *self* é definido em termos de atributos internos, tais como as capacidades e as atitudes pessoais.

Em contrapartida, o *self interdependente* caracteriza-se pela conetividade e pela forte coesão existente entre os indivíduos. Nesta perspetiva, o *self* é definido em termos que remetem para a pertença a um determinado grupo, para as relações existentes dentro deste grupo, bem como para os papéis sociais a desempenhar.

De referir que esta dicotomia – *self* independente vs. interdependente – representa uma variável-chave para a distinção entre os membros de culturas, respetivamente ocidentais – mais individualistas –, e não ocidentais – mais coletivistas (Utz, 2004). Na verdade, Triandis (1995), que tem investigado extensivamente a variável cultural de individualismo-coletivismo (IND/COL), salienta o facto de um dos atributos nucleares destes construtos ser representado pela definição do *self*, independência nas sociedades individualistas vs. interdependência nas sociedades coletivistas.

Neste contexto alargado representado pelos dois tipos de culturas – individualistas vs. coletivistas –, o *self* independente e interdependente têm sido relacionados com vários fenómenos psicológicos que são mediados ou organizados pelo *self*, tais como o comportamento social (Triandis, 1989), a autoperceção (Cousins, 1989) e a comunicação (Gudykunst, 1997).

Na mesma linha, em estudos anteriores, Ciochină (2011) e Ciochină e Faria (2009) analisaram a influência do IND/COL nas conceções pessoais de inteligência (CPI) de adolescentes portugueses e romenos, com o objetivo de investigar os padrões de associação entre IND/COL e os dois tipos de CPI – estática e dinâmica (Dweck, 1999). Na explicação dos resultados obtidos, Ciochină (2011) e Ciochină e Faria (2009) consideraram que a natureza do *self* – independente vs. interdependente – poderia mediar a relação entre as duas dimensões – IND/COL e CPI –, mas a avaliação do *self* foi deixada de lado, aspeto este que pretendemos retomar no presente estudo.

Método

Objetivo

No âmbito de uma investigação mais vasta em que nos propomos construir um instrumento que avalie o *self* independente-interdependente, nos contextos português e romeno, procedemos à realização de uma série de entrevistas, com o objetivo de estabelecer, nos dois contextos culturais, o significado atribuído pelos indivíduos aos dois tipos de *self*, tendo utilizado para o efeito a *entrevista semidiretiva* (Ghiglione & Matalon, 2003).

Amostra

Os participantes entrevistados foram 32 estudantes portugueses e romenos, do 1º e 3º anos do ensino superior, de vários cursos e de ambos os sexos (50% de raparigas e 50% de rapazes), sendo as amostras portuguesa e romena constituídas por 8 estudantes de cada ano. A média de idades dos estudantes portugueses do 1º ano e do 3º ano é de respetivamente 20,3 ($DP=1,4$) e 22,0 ($DP=1,06$), enquanto que para os estudantes romenos do 1º ano a média de idades é de 19,3 ($DP=0,6$) e para os do 3º ano a média é de 21,6 ($DP=0,7$).

Instrumento

Ao conceber as questões de investigação da entrevista semidiretiva, tomámos em consideração os elementos nucleares do *self*, independente e interdependente, tal como foram teorizados em trabalhos anteriores (Markus & Kitayama, 1991; Singelis, 1994).

Assim, umas das questões de investigação visaram a recolha de dados relacionados com o significado da *unicidade* e com a sua expressão em vários contextos de ação e interação – a família, o grupo de pares e a faculdade –, já que o *self* independente enfatiza a respetiva unicidade e a expressão de atributos internos em ações independentes, enquanto que o *self* interdependente não se preocupa com a sua unicidade, mas sim com as características que garantem a conetividade e a coesão com os outros (Markus & Kitayama, 1991; Singelis, 1994), valorizando atributos externos, tais como os papéis sociais e as relações com os outros.

Simultaneamente, procurámos captar, através de questões específicas, o significado atribuído aos *objetivos*, sabendo que, tal como salientam Singelis (1994) e Triandis (1995, 1996), o *self* independente é caracterizado por objetivos que não se alinham com os objetivos do grupo, enquanto os objetivos dos indivíduos com um *self* interdependente são geralmente compatíveis com os do grupo de pertença. Para além disso, mesmo que os objetivos de tais indivíduos não sejam compatíveis com os do grupo, estes últimos tendem a ter primazia.

Outras dimensões exploradas na entrevista semidiretiva construída foram a *independência*, a *pertença a um determinado grupo* e a *comunicação direta vs. indireta*, sendo o primeiro tipo de comunicação ilustrativo do *self* independente, enquanto que a comunicação indirecta, caracterizada pela procura de adivinhar as intenções comunicacionais dos outros e pela “leitura” da mente do interlocutor, representam um estilo comunicacional ilustrativo do *self* interdependente (Singelis, 1994).

Dado que o presente estudo representa a etapa inicial de uma investigação mais vasta, que pretende avaliar e testar a relação entre os dois tipos de *self* e as conceções pessoais de inteligência (CPI), nesta entrevista incluímos também questões de investigação relacionadas com a validação e a demonstração das próprias qualidades aos outros e com a preocupação com o desenvolvimento pessoal, dois modelos atitudinais que ilustram a vertente estática *vs.* dinâmica, não somente das conceções pessoais da inteligência (Dweck, 1999), mas também do *self* em geral (Campbell, Trapnell, Heine, Katz, Lavalley, & Lehman, 1996).

Em suma, as questões de investigação visaram as dimensões centrais dos dois tipos de *self* – a unicidade, os objetivos, a independência, a pertença a um determinado grupo social e o tipo de comunicação –, bem como aspetos relacionados com a natureza estática ou dinâmica do *self*.

Procedimento

As entrevistas semidiretivas foram realizadas nas faculdades envolvidas na investigação, nomeadamente em salas de aulas que permitiram ao entrevistador e ao entrevistado um diálogo em condições de privacidade. Cada entrevistado deu o seu consentimento quanto à respetiva gravação da entrevista.

O número de entrevistados foi previamente estabelecido (16 participantes para cada contexto cultural), tomando em consideração as conclusões práticas de autores, tais como Ghiglione e Matalon (2003), que salientam que a vigésima ou trigésima entrevistas representam os pontos críticos a partir dos quais outras entrevistas não proporcionarão novas informações.

Resultados e Discussão

As entrevistas foram transcritas a partir do seu registo sonoro, com a realização subsequente da sua análise de conteúdo. No que concerne ao processo de codificação, tal como evidencia Bardin (2008), começou-se por definir as unidades de registo e de contexto. Como unidade de registo consideramos o *tema*, enquanto a unidade de contexto foi representada pelo *parágrafo*.

Os grandes temas da entrevista foram: definição da unicidade, definição dos objetivos, independência, pertença a grupos, comunicação, validação social do *self vs.* melhoria do *self*.

Tal como sugere Araújo (1995, *in* Santos, 2001), o sistema de categorias foi construído com base nos conceitos teóricos subjacentes à entrevista, bem como nos dados empíricos obtidos a partir das respostas dos sujeitos.

No que se refere ao primeiro tema, a *definição da unicidade*, evidenciaram-se as seguintes categorias: *unicidade em termos psicológicos* (com as subcategorias: “estilo e valores pessoais”, “maneira de lidar com os problemas” e “aptidões específicas e preferências pessoais”) e *unicidade em termos físicos* (com as subcategorias: “traços físicos” e “maneira de vestir”).

No Quadro 1 apresentam-se as frequências dos participantes portugueses e romenos que descreveram a sua unicidade em termos psicológicos ou em termos físicos.

Quadro 1. Distribuição das frequências nas categorias definição da unicidade em termos psicológicos e em termos físicos

| Definição da unicidade | Contexto português | | Contexto romeno | |
|------------------------|--------------------|--------|-----------------|--------|
| | 1º ano | 3º ano | 1º ano | 3º ano |
| Termos psicológicos | 8 | 8 | 8 | 8 |
| Termos físicos | 2 | 2 | 1 | 3 |

Tal como se pode observar, em ambos os contextos culturais, todos os participantes descrevem a sua unicidade em termos relacionados com a sua personalidade, sendo o estilo e os valores pessoais significativamente valorizados (“ter a minha própria personalidade”, “ter o meu estilo próprio”, “a unicidade é a minha maneira de pensar e de ver as coisas”) em detrimento dos aspetos físicos.

Relativamente à subcategoria “maneira de lidar com os problemas”, quatro rapazes portugueses (um do 1º ano e três do 3º ano) consideraram que a maneira de abordar um determinado problema torna-os únicos, enquanto nenhum romeno fez referência a este aspeto. Tais resultados talvez possam ser explicados pelo facto de os rapazes portugueses aspirarem a ter mais independência e maior poder decisional durante o percurso académico, o que inevitavelmente os confrontará com a necessidade de lidar com mais problemas.

A subcategoria “aptidões específicas e preferências pessoais” está pouco representada, pois apenas uma rapariga romena do 3º ano e um rapaz romeno do 1º ano se referiram às suas aptidões enquanto aspetos que os tornam únicos.

De salientar, ainda, um resultado curioso que foi observado para a categoria *unicidade*: um rapaz português do 3º ano e um rapaz romeno do 1º ano falaram na impossibilidade de conceber a unicidade fora das relações com os outros, sendo esta, para o rapaz português, “um processo de descoberta que não pode ser feito isoladamente, pois tem de ser em discussão contínua com os

outros” e, para o rapaz romeno, uma característica que “se descobre apenas no contexto coletivo. Não acho que se possa falar de unicidade individualmente”.

Consequentemente, a partir destas respostas, pode-se salientar que a unicidade, apesar de ser um atributo característico do *self* independente, separado dos outros, se constrói e se avalia a partir das relações com os outros.

No quadro do tema *definição de objetivos*, identificámos, em ambos os contextos culturais, as seguintes categorias: *tipo de objetivos* (com as subcategorias: “objetivos pessoais” e “objetivos profissionais”) e *objetivos pessoais vs. objetivos dos outros* (com as subcategorias “situações em que se privilegiam os objetivos de outras pessoas” e “pessoas cujos objetivos são privilegiados em detrimento dos objetivos pessoais”).

No Quadro 2 apresentam-se as frequências dos participantes portugueses e romenos nas subcategorias objetivos pessoais e objetivos profissionais.

Quadro 2. Distribuição das frequências nas subcategorias objetivos pessoais e objetivos profissionais

| Definição dos objetivos | Contexto português | | Contexto romeno | |
|-------------------------|--------------------|--------|-----------------|--------|
| | 1º ano | 3º ano | 1º ano | 3º ano |
| Objetivos pessoais | 3 | 5 | 5 | 5 |
| Objetivos profissionais | 6 | 4 | 6 | 4 |

Observa-se que, nos dois contextos culturais, os estudantes do 3º ano, quando comparados com os do 1º ano, privilegiam mais os objetivos pessoais (“ter uma família”, “ser feliz”, “ver-me rodeada por pessoas que gostam de mim”, “estar contente a fazer aquilo que faço”, “crescer como pessoa”) do que os objetivos profissionais, que parecem mais atrativos para os estudantes do 1º ano (“acabar o curso e arranjar emprego”, “fazer investigação”, “ter um bom emprego”). Estes resultados sugerem o facto de o nível de maturidade (superior para os estudantes do 3º ano) dar acesso a uma visão mais abrangente daquilo que significa ser uma pessoa realizada.

Relativamente à categoria *objetivos pessoais vs. objetivos dos outros*, em ambos os contextos culturais, a subcategoria “situações em que se privilegiam os objetivos de outras pessoas” inclui maioritariamente as situações em que se dá ajuda a um amigo ou a um familiar. De referir, ainda, que dois estudantes portugueses do 1º ano, um rapaz e uma rapariga, mencionaram também o facto de terem abdicado dos seus próprios objetivos de escolha do curso para “agradar aos pais”

que queriam que eles fossem para outro curso. Quanto à subcategoria “pessoas cujos objetivos são privilegiados em detrimento dos objetivos pessoais”, esta inclui maioritariamente os membros da família e os amigos. Notámos, também, que nos dois contextos culturais, os rapazes, quando comparados com as raparigas, privilegiaram mais os objetivos dos outros, principalmente quando se trata do grupo de amigos, já que três raparigas portuguesas e quatro raparigas romenas afirmaram que não costumam “pôr os seus objetivos de parte” para privilegiar os objetivos dos outros.

No que concerne ao tema relacionado com a *independência*, em ambos os contextos culturais, foram identificadas as seguintes categorias: *significado atribuído à independência* (com as subcategorias: “independência financeira”; “decisões e ações independentes” e “responsabilidade”) e *pessoas ou situações que podem limitar a independência* (com as subcategorias: “pais”; “amigos”; “outras situações”). Para este último caso, em ambos os contextos culturais, são mencionados os estudos na faculdade que podem limitar a independência e a liberdade de sair, de ter mais tempo livre; no contexto cultural português duas raparigas do 1º ano, um rapaz do 1º ano e outro do 3º ano referiram-se também aos políticos portugueses que podem limitar a independência pelas decisões que tomam. Notámos que, na maioria dos casos, a independência financeira é vista como suporte para outros tipos de independência, principalmente no caso dos estudantes do 1º ano, provavelmente porque nesta idade se sentem muito mais dependentes dos pais do que os estudantes do 3º ano.

Na verdade, os pais são considerados por todos os entrevistados como sendo os principais limitadores da independência. Em segundo lugar encontram-se os amigos que, através das suas opiniões, conselhos e preferências pessoais, podem condicionar e limitar o campo de decisão e de ação dos participantes.

No que se refere à *pertença a um determinado grupo*, identificámos as seguintes subcategorias: “fatores de natureza intelectual” – opiniões, ideias, valores, interesses e objetivos comuns; “fatores de natureza moral” – respeito, sinceridade; “fatores de natureza afetiva” – ajuda e apoio recíprocos, sentir-se ouvido pelos outros, vantagens e desvantagens da pertença a um determinado grupo. Ao referir-se às vantagens da pertença a um grupo, a resposta que surge predominantemente, em ambos os contextos culturais, diz respeito à complementaridade das características pessoais dos membros do grupo, bem como à ajuda e ao apoio afetivo recebidos no grupo. Uma estudante portuguesa e duas romenas do 1º ano falaram também na vantagem de

poder aprender com os outros membros do grupo. Relativamente às desvantagens da pertença a um determinado grupo, todos os estudantes portugueses do 1º ano falaram na existência de possíveis conflitos, enquanto os do 3º ano não fizeram referência a tal aspeto, mencionando sobretudo a limitação do espaço e do tempo pessoal (dois rapazes e duas raparigas), as influências negativas do grupo (dois rapazes), a necessidade de ter sempre que corresponder à imagem que se tem no grupo (uma rapariga) e a dificuldade de conhecer outras pessoas (uma rapariga). Quanto aos estudantes romenos, apenas duas raparigas (uma do 1º ano e outra do 3º ano) falaram na existência de possíveis conflitos. Alguns estudantes romenos consideraram que a maior desvantagem da pertença a um grupo é representada pela responsabilidade subsequente (três rapazes e duas raparigas do 1º ano e dois rapazes e duas raparigas do 3º ano). Um rapaz romeno do 1º ano não conseguiu mencionar as desvantagens da pertença a um grupo. Uma rapariga do 1º ano mencionou a limitação do tempo pessoal e outra do 3º ano referiu-se à necessidade de corresponder à imagem que se tem no grupo.

Quanto ao tema da *comunicação*, identificámos as seguintes categorias: “comunicação direta”, “comunicação indireta”, “vantagens/desvantagens da comunicação direta”, “vantagens/desvantagens da comunicação indireta”. Em ambos os contextos culturais, a comunicação direta é utilizada preponderantemente em contextos informais (família, grupo de amigos), enquanto a comunicação indireta é privilegiada em contextos mais formais e com pessoas com quem não se tem muita confiança. Tanto os estudantes portugueses como os romenos, consideraram que a maior vantagem da comunicação direta é a clareza daquilo que é transmitido, enquanto a possibilidade de magoar os outros é vista como a maior desvantagem. Quanto à comunicação indireta, em ambos os contextos culturais, os estudantes destacaram a vantagem de proteger os sentimentos dos outros e a desvantagem de poder conduzir a mal entendidos.

Finalmente, no que diz respeito ao tema *validação social do self vs. melhoria do self*, notámos que, em ambos os contextos culturais, as respostas dos participantes se distribuíram pelas seguintes subcategorias: “preocupação em demonstrar aos outros as qualidades próprias” e “meios de melhorar a própria pessoa”. Assim, observámos que, nos dois contextos culturais, a maioria dos participantes (13 estudantes portugueses – 5 do 1º ano e 8 do 3º ano – e 14 romenos – 6 do 1º ano e 8 do 3º ano) consideraram que a preocupação com a demonstração das qualidades próprias aos outros indica falta de segurança, necessidade de chamar a atenção e baixa

autoestima. Contudo, um rapaz português do 1º ano considerou que este tipo de atitude indica ambição, enquanto que uma rapariga portuguesa do 1º ano e um rapaz português do 3º ano consideraram que “uma pessoa deve dar-se a conhecer, mas não exageradamente”. Simultaneamente, um rapaz português do 3º ano considerou que tal atitude pode representar “uma necessidade de motivação, motivação ativa de tentar conseguir as coisas”, opinião que é partilhada por um rapaz romeno do 1º ano, que considerou que “se isso lhes facilita o progresso, então significa que ajuda, que é bom para elas.”

Relativamente à subcategoria “meios de melhorar a própria pessoa”, é interessante observar que 8 portugueses (3 do 1º ano e 5 do 3º ano) consideraram que poderiam melhorar a sua própria pessoa “interagindo com os outros”, “aprendendo com os outros” e “ouvindo as opiniões dos outros”, enquanto que apenas 3 romenos (1 do 1º ano e 2 do 3º ano) fizeram referência a tais aspetos. Finalmente, refira-se que outro meio privilegiado de melhorar a própria pessoa é representado por “estudar mais” e “procurar experiências novas”.

Conclusões

Em jeito de balanço, o presente trabalho teve como objetivo captar e esclarecer, junto de estudantes universitários portugueses e romenos, o âmbito concetual dos construtos *self independente-interdependente*, a partir da análise das respostas a entrevistas semiestruturadas.

As categorias e as subcategorias às quais a análise de conteúdo das entrevistas conduziu, representaram uma concretização do universo teórico dos referidos construtos, concretização esta que permitirá prosseguir uma investigação mais vasta, em que o presente estudo se enquadra, isto é, construir um novo questionário que avalie os dois tipos de *self* – independente vs. interdependente.

Referências

- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baumeister, R. F. (1999). *The social self in social psychology*. Philadelphia: Psychology Press.
- Campbell, J. D., Trapnell, P., Heine, S. J., Katz, I. M., Lavallee, L. F., & Lehman, D. R. (1996). Self-concept clarity: Measurement, personality correlates, and cultural boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 141-156.
- Ciochină, L. (2011). *Inteligência e cultura: Do individualismo-colectivismo às concepções pessoais de inteligência*. Porto: Livpsic/Légis Editora.
- Ciochină, L., & Faria, L. (2009). Individualism and collectivism: What differences between Portuguese and Romanian adolescents? *Spanish Journal of Psychology*, 2, 555-564.

- Cousins, S. D. (1989). Culture and self-perception in Japan and the United States. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 124-131.
- Dweck, C. S. (1999). *Self-theories: their role in motivation, personality, and achievement*. Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2003). *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Grace, S. L., & Cramer, K. L. (2003). The elusive nature of self-measurement: The Self-construal Scale versus the Twenty Statements Test. *The Journal of Social Psychology*, 143, 649-668.
- Gudykunst, W.B. (1997). Cultural variability in communication. *Communication Research*, 24(4), 327-348.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.
- Neisser, U. (1994). *Remembering the self: construction and accuracy in the self-narrative*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rosenberg, M. (1982). *Social psychology and the self-concept*. Illinois: Harlan Davidson.
- Santos, N. R. (2001). Processos de articulação entre identidades pessoais e sociais em situações de cooperação. *Psychologica*, 27, 123-153.
- Shweder, R. A., & Sullivan, M. A. (1993). Cultural psychology: Who needs it? *Annual Review of Psychology*, 44, 497-523.
- Singelis, T. (1994). The measurement of independent and interdependent self-construals. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20, 580-591.
- Somech, A. (2000). The independent and the dependent selves: different meanings in different cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 24, 161-172.
- Triandis, H. C. (1989). The self and social behavior in differing cultural contexts. *Psychological Review*, 96, 506-520.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism & collectivism*. Boulder: Westview Press.
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.
- Utz, S. (2004). Self-construal and cooperation: Is the interdependent self more cooperative than the independent self? *Self and Identity*, 3, 177-190.

[voltar ao índice](#)